

CONFLITO ÍNDIA E PAQUISTÃO: A QUESTÃO DA CAXEMIRA

Mapa Político Geral¹



Ficha Técnica dos Países²

República da Índia:

- Capital: Nova Delhi.
- Localização: Sudeste da Ásia limitado pelo Mar Arábico entre Burma a leste e Paquistão a oeste
- População: 1,095,351,995 hab.
- Área: 3 287 782 km².
- Religião: hinduísmo 80,3%, islamismo 11% (sunitas 8,2%, xiitas 2,8%), cristianismo 3,8% (católicos 1,7%, protestantes 1,9%, ortodoxos 0,2%), sikhismo 2%, budismo 0,7%, jainismo 0,5%, outras 1,7% (1991).
- Língua: hindi (oficial), línguas regionais (principais: telugu, bengali, marati, tâmil, urdu, gujarati).
- PIB: US\$ 430 bilhões
- Produtos Exportados: têxteis, químicos, couro e jóias.
- Produtos Importados: petróleo, maquinarias, jóias e químicos.
- Tamanho do Exército (2005):
- Masculino - 219, 471,999
- Feminino - 209, 917,553

República Islâmica do Paquistão:

- Capital: Islamabad.
- Localização: Sudeste Asiático limitado pelo Mar Arábico entre o leste da Índia, oeste do Irã e do Afeganistão e o norte da China.
- População: 165, 803,560 hab.
- Área: 796.095 km².
- Religião: Islamismo 97% (Sunismo 77%, Xiismo 20%), Cristianismo, Hinduísmo, e outras, 3%
- Língua: Urdu (oficial), punjabi, sindi, saricoli, inglês.
- PIB: US\$ 63,4 bilhões (1998).
- Produtos Exportados: têxteis (peças de roupa, linho de cama, pano de algodão, fio), arroz, artigos de couro, mercadoria de esportes, químicas, fabricações, carpetes e tapetes.
- Produtos Importados: petróleo, maquinaria, plásticos, equipamento de transporte, óleos, papel e chá.
- Tamanho do Exército (2005):
- Masculino - 1, 969,055
- Feminino - 1, 849,254

1. Aspectos Geográficos

1.1 Da Índia³

A Índia é um país federal asiático, que ocupa grande parte do Indústão e ainda possui as ilhas Laquedivas e Andaman e Nicobar. Ao norte é limitada pelo Nepal, Butão e China. Ao sul e leste pelo Bangladesh e pelo Golfo de Bengala. Ao sul é limitada pelo Estreito

de Palk, (que faz fronteira com o Sri Lanka) pelo Oceano Índico e pelo Mar das Laquedivas, a oeste pelo Mar da Arábia e a oeste e norte pelo Paquistão. É considerada como o segundo país mais populoso do mundo, com mais de 1 bilhão de habitantes.

Os estados indianos do norte e do nordeste fazem parte dos Himalaias, uma cordilheira entre Índia e China em que são encontradas as maiores montanhas do planeta. Desta forma, o resto da Índia do norte, central e oriental, consiste da fértil planície indo-gangética. Grande parte da Índia do Sul é composta pelo planalto do Decão, que é flanqueado por duas cordilheiras costeiras baixas: os Gates Ocidentais e os Gates Orientais. Na Índia ocidental, perto da fronteira com o Paquistão, está presente o deserto de Thar. No que tange aos rios, existem vários de grande importância. Contudo, os que se destacam são o Brahmaputra, o Yamuna, o Ganga (ou Ganges), o Krishna e o Godavari. O clima do país varia de tropical a um clima mais temperado no norte. Suas partes que se encontram no Himalaia possuem um clima predominante de tundra⁴. Vale destacar também que grande parte das chuvas indianas são causadas devido às monções.

Mapa Geográfico da Índia: ⁵



1.3 Do Paquistão:⁶

O Paquistão é subdividido em quatro províncias e dois territórios. Suas províncias são denominadas Baluchistão, a maior em área e a mais rica em recursos naturais, sendo assim a maior distribuidora de gás natural para o resto do país; a província das fronteiras Noroeste, sendo tida como a menor perante às demais; Punjab, onde se encontram cidades de grande relevância para o país; e a última que é conhecida como Sind. No tocante aos territórios, esses são fragmentados entre o território da capital Islamabad e o Território Federal das áreas Tribais, que consiste em uma região que não pertence a nenhuma província paquistanesa.

O Paquistão possui várias montanhas e é atravessado por cordilheiras, tais como o *Hindukusch*. Além disso, o país possui quatro cidades de maior importância: a primeira é denominada Carachi (capital da província de Sind) que se localiza nas margens do Mar da Arábia, ao sul do

país. Ela tem cerca de 10.9 milhões de habitantes, sendo nela onde se encontra o maior porto e o principal centro industrial. A seguinte é conhecida como Faisalabad ou Faiçalabade, e se localiza na província de Punjab, a qual possui cerca de 2.34 milhões de habitantes e foi fundada em 1895. A terceira está inserida na província de Sind, sendo conhecida como Hyderabad. Situa-se nas margens do rio Indo, tem aproximadamente 1,4 mil habitantes e foi fundada em 1768. E por fim, a quarta cidade, Peshawar, é capital da província da Fronteira Noroeste do país. Ela é a cidade mais antiga, e por isso, já passou por várias dominações, tais como grega, persa, afegã, mongol, sikhs e britânica. Atualmente, ela possui cerca de 1,1 mil habitantes.

Mapa Geográfico do Paquistão:⁷



2. Aspectos Históricos⁸

2.1 Índia e Paquistão:

Existem diversos focos de tensão no cenário internacional, e o conflito entre a Índia e o Paquistão está presente nesse contexto, uma vez que ambos os Estados disputam domínio por uma região limítrofe denominada Caxemira. Contudo, para uma melhor compreensão do contexto atual desse confronto, torna-se necessário recuar ao século X d.C, quando ocorreu o avanço islâmico no subcontinente indiano.

Bagdá era o centro do califado Abássida, e assim foi possível a extensão do islamismo em direção à Ásia com o intuito de levar a palavra do profeta Maomé e as palavras do sagrado livro: o Corão. A rota foi estabelecida através do Golfo Pérsico e atingia o Oceano Índico. A partir desse caminho, três arremetidas no norte da Índia são estipuladas como fundamentais em relação à fixação dos muçulmanos na região do Hindustão. A primeira ocorreu no século X a partir dos reinos árabes na região do Sind; a segunda ocorreu quando o santuário de Shiva foi apossado pelo turco Muhammad de Gward; e a última, quando em 1192 na batalha de Tarai, al-Din Muhammad de Ghauri derrotou o rei hindu, possibilitando a construção de um caminho para Delhi. Com isso, em três séculos a presença dos muçulmanos na região da Índia tornou-se irreversível.

Para uma melhor visualização das diferenciadas religiões que remetem

o contexto histórico de ambos os Estados, deve-se fazer algumas considerações acerca de suas principais características. O Islã posiciona-se através da pregação de Maomé, o qual não reconhece diferença de classe, cultura, cor ou civilização e tem o Corão como livro fundamental. Seus adeptos são monoteístas e púnicos (mulheres são obrigadas a usarem véus). Vale ressaltar também que devido aos seus pré-requisitos igualitários, alguns indianos que se sentiam desconfortáveis com o seu sistema de castas⁹ (que possui uma concepção social, diferentemente dos islâmicos que desconhecem esse preceito), se sentiram atraídos por tal princípio muçulmano. Já o hinduísmo possui uma diversidade muito ampla, abrangendo inclusive, ramificações budistas. Seus seguidores assentam-se numa trindade divina composta por Shiva, Vishnu e Brahma, sendo este último, o Deus principal. É necessário também mencionar que seus adeptos praticam a zoolatria, em que animais são cultuados e adorados como manifestações divinas. Um exemplo disso é a vaca, a qual é considerada a mais honrada encarnação que um indivíduo pode possuir.

A dominação ocidental na região se iniciou em 1498 com a chegada de Vasco da Gama à Calicute quando mercadores europeus estabeleceram feitorias comerciais na costa indiana. Em

1750 a Cia. Inglesa das Índias Orientais, com propósito de ampliar sua influência na região de Bengala através de guerras e acordos acabou dominando quase toda a Índia por um período de cem anos. Contudo, esse domínio esteve presente até a Revolta dos Cipaios de 1857, quando o controle do Indústão passou a ser exercido diretamente pela Inglaterra.

A independência indiana somente ocorreu no século XX e foi liderada por Mahatma Gandhi, o qual mobilizou seu povo após a Primeira Guerra Mundial inspirado por preceitos orientais, em que preferiu lutar contra o colonialismo apelando para a desobediência civil através de greves e ações de impacto. A Liga Muçulmana por sua vez, assinou o Tratado de Lucknow em 1916 conjuntamente ao Partido do Progresso Indiano, com o intuito de também conquistar sua independência. Em 1945, o governo trabalhista inglês, após ganhar as eleições, decidiu encerrar o período imperialista da Inglaterra, e enviou à Índia o Lord Mountbatten objetivando estabelecer uma transição pacífica com os representantes indianos¹⁰. Entretanto, as relações entre muçulmanos e hindus sempre foram reacias, e com a aproximação da emancipação ao final da Segunda Guerra (1939-1945), os muçulmanos passaram a temer cada vez mais pelo seu destino como uma minoria em uma

Índia dominada pelos hindus. Foi então nesse conflituoso contexto, que nasceram as idéias de se formar um país separado: o Paquistão, também de partilha da Índia.

2.2 Do conflito propriamente dito:

A Caxemira está localizada no norte da Índia sendo composta por montanhas e fazendo fronteira com China e com o Paquistão. As divergências começaram em 1947, quando a Caxemira pediu apoio aos indianos contra a invasão das tribos *Pathans*, e em agradecimento, assinou o Instrumento de Acesso à União Indiana concordando que a região se tornasse o estado indiano de Jammu e Caxemira. A partir de então, paquistaneses queriam estabelecer um plebiscito para que os habitantes da Caxemira decidissem sobre seu futuro. Entretanto, os indianos somente aceitaram ceder um terço do território do Paquistão, mas não arcaram com a idéia do plebiscito. Como conseqüência, eclodiram na região duas guerras: uma em 1965 e outra em 1971. No confronto de 1965, houve um conflito generalizado na Caxemira devido à penetração de guerrilheiros muçulmanos, que acabou levando a Índia à uma nova intervenção, atacando o Paquistão.

As estimativas alegam que três mil indianos e 3,8 mil paquistaneses foram mortos¹¹. Para amenizar a

situação, foi feita a Conferência de Tashkent em 1966 que determinou na retirada das tropas da fronteira, mas não determinou o fim da corrida armamentista entre Índia e Paquistão.

A Guerra de Bengala em 1971 originou-se quando Mijib (líder da Liga *Awami*, que defendia maior autonomia para o Paquistão Oriental), proclama independência, criando o Estado de Bangladesh. Como já esperado, o Paquistão reage com violência e a Índia declara guerra ao país com o propósito de defender o Estado recém-formado. O Paquistão se rende e três anos mais tarde Kujib assume a presidência do país¹². Nessa perspectiva, torna-se possível perceber que a tensão na Caxemira acaba servindo de justificativa para que Índia e Paquistão militarizem suas fronteiras.

E mesmo esses países tendo elevadas taxas de pobreza, eles não abrem mão de gastar muito dinheiro em tecnologias bélicas, sendo tal investimento contabilizado por volta de um bilhão de dólares somente no programa de armamento, fazendo com que o subcontinente indiano se veja próximo do início de uma corrida nuclear, abalando, dessa forma, alguma consistente iniciativa pacífica na região.

3. Aspectos Econômicos¹³

Os testes nucleares estabelecidos pela Índia e pelo Paquistão em maio de 1998 tiveram amplo apoio pelos respectivos países. O fato de os líderes locais os terem autorizado mesmo com as fortes pressões políticas internacionais relacionadas, (que inclusive acarretaram sanções econômicas), serviram somente para fortalecer ainda mais o fervor nacionalista em ambas as regiões. Nos anos seguintes, violentos choques militares na Caxemira geraram um certo receio nos próprios defensores dos armamentos nucleares, fazendo com que eles mesmos passassem a questionar a utilidade da dissuasão nuclear. E ainda, devido aos elevados índices de pobreza, de economias e governos frágeis, os indianos e os paquistaneses agora se perguntam se realmente é viável continuar custeando a corrida armamentista na região¹⁴.

Mesmo assim, as autoridades governamentais em Nova Delhi e Islamabad persistem na idéia de que não se deve economizar quando o objeto em questão está relacionado com a segurança internacional, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento de mísseis nucleares e de armas é necessário para combater a coação estrangeira. Entretanto, ao agir dessa maneira, há o risco de uma guerra nuclear, e ainda pode-se ocasionar uma falência dos governos, visto que o custo

para se criar e manter um instrumento de dissuasão nuclear é muito elevado. Desta forma, torna-se possível perceber que Índia e Paquistão podem estar ameaçando não somente seu prestígio e sua segurança, mas também sua futura prosperidade.

No que tange ao fardo econômico da dissuasão nuclear é difícil fazer um cálculo de custo/benefício dos programas de armamento da Índia e do Paquistão, até mesmo porque tais Estados se recusam a revelar quanto gastam com os procedimentos nucleares.

Partindo-se do pressuposto provável de mão-de-obra, materiais e instalações, estima-se que Índia e Paquistão investiram cerca de 1 bilhão de dólares no programa, isto é, tudo indica que cada país gastou aproximadamente cinco vezes essa quantia com a produção dos materiais necessários e com a manufatura de algumas armas nucleares. K. Subrahmanyam¹⁵, especialista em defesa da Índia, alega que em 1985, as forças armadas do país consagraram a alguns oficiais o dever de calcular os dispêndios necessários para um programa equilibrado de dissuasão. Tais analistas revelaram que Nova Delhi deverá gastar um bilhão de dólares por ano nos próximos 10 anos para se pautar como uma força de dissuasão como a que estipulou a ter em 1985.

Já para o Paquistão, o custo para se montar um arsenal similar é um pouco inferior devido aos fornecedores estrangeiros que o país possui, sendo os principais: EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos¹⁶.

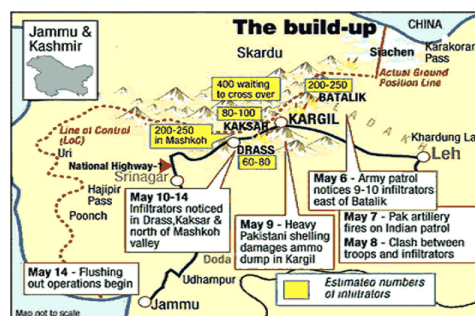
Embora Índia e Paquistão tenham setores industriais modernos, visto que possuem energia nuclear, desenvolvimento de mísseis e produção de armamentos, ambos os países possuem elevados índices de pobreza, em que a Índia possui 25% da população abaixo do nível de pobreza e o Paquistão 32%¹⁷. Deste modo, a sociedade sofre com desemprego, infraestrutura obsoleta, e um baixo padrão de vida. De acordo com uma perspectiva indiana, um míssil custa o equivalente ao custo organizacional de 13.000 centros de saúde; o preço de uma ogiva nuclear está relacionado com o mesmo preço que o governo gastaria para custear mais de 3.000 residências; quase todas as crianças paquistanesas seriam capazes de receber alimentação e educação pelo custo arsenal referente a bombas e mísseis nucleares¹⁸. Ou seja, se Índia e Paquistão assinarem o Tratado de Não Proliferação Nuclear como Estados desprovidos de tais armas, e aceitarem preservar suas indústrias nucleares civis de energia, os benefícios concernentes à modalidade energética seriam inúmeros. Este

investimento seria capaz de estimular o crescimento econômico e diminuir a dependência de fontes de energia importadas. Até mesmo porque, os custos econômicos desse conflito gerariam prejuízos significantes.

As grandes despesas com as forças armadas que uma guerra mais consistente determinaria, resultariam em um acréscimo na inflação e na taxa de juros, e ainda, a destruição que seria causada às instalações industriais e de infra-estrutura diminuiria a produtividade e ocasionaria numa perda de divisas estrangeiras que já se encontram em nível baixo¹⁹. E para agravar ainda mais a situação, o colapso da ordem interna dos Estados e a ameaça da continuação das hostilidades desencorajariam os investimentos externos e a assistência financeira, que são aspectos primordiais para o desenvolvimento e até mesmo para o crescimento econômico em longo prazo de qualquer país.

4. Aspectos Políticos, Táticos e Estratégicos²⁰

5. Mapa Tático e Estratégico do Conflito:²¹



Desde 1947, quando ocorreu a independência de Índia e Paquistão, os paquistaneses têm protestado a anexação da região da Caxemira ao território indiano, culpando a Índia de não ter estabelecido um plebiscito determinado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para consultar os habitantes da região. No entanto, a Índia afirma que a incorporação da Caxemira em seu território foi legal, tornando-se indiscutível após declaração da Assembléia Constituinte da Caxemira no ano de 1956, a qual afirma que o Estado deve ser parte condicional da Índia. No contexto histórico do confronto, três guerras entre os Estados envolvidos ocorreram diretamente com a Caxemira nos anos de 1947, 1965 e a última em 1971, que resultou na criação de Bangladesh.

A Guerra de Kargil entre maio e junho 1999 é tida por alguns autores do ramo como uma das várias tensões na região e, por outros, como um confronto que envolve a Caxemira.

No final da década de 1970, depois da aproximação entre EUA e Paquistão, a superioridade indiana em forças convencionais se viu afetada, visto que sua preocupação com as armas nucleares chinesas passou a direcionar-se cada vez mais em direção ao Paquistão, que além de almejar possuir um arsenal nuclear, passava a possuir jatos F-16 capazes de lançar

esse tipo de armamento. No decorrer dos anos 80, a habilidade nuclear indiana foi rearticulada e em 1989, estabeleceu-se o teste do primeiro míssil balístico da Índia de médio alcance, o denominado *Agni* (que significa fogo).

Depois do assassinato de Indira Gandhi em 1984, seu filho Rajiv Ghandi tomou posse do cargo de Primeiro Ministro, e sugeriu a eliminação das armas nucleares indianas. Mais tarde, assinou com o Paquistão um tratado, que só foi ratificado em 1991, no qual ambos os países se comprometiam a não mais travarem confrontos. Ao mesmo tempo, o Primeiro Ministro deu continuidade ao programa nuclear que construiu no período de seu governo: um arsenal entre 100 e 200 kilogramas de plutônio, o suficiente para a construção de entre 20 e 40 armas nucleares²².

E ainda, tudo indica que foi sob o governo de Rajiv que a Índia decidiu conquistar mísseis e demais equipamentos necessários para a elaboração de uma détente nuclear. Em 1990, ocorreu uma segunda crise nuclear entre Índia e Paquistão, desta vez envolvendo a região da Caxemira, em que, inclusive, a Índia teria elaborado ataques em território paquistanês com o propósito de extinguir campos de treinamento das forças insurgentes. Além disso, no mesmo ano o presidente norte-americano George Bush ressaltou que não podia afirmar ao Congresso que

o Paquistão não era desprovido de bomba atômica. A partir disso, esta conclusão levou à diminuição da ajuda militar e econômica que os EUA ofereciam ao país desde a década de 1970.

Contudo, em 1995 o presidente Clinton introduziu uma emenda que permitia o retorno de assistência militar e econômica para o Paquistão. Nessa perspectiva, o então Primeiro Ministro paquistanês, Narashimha Rao, encandeou um teste nuclear em dezembro do mesmo ano. O teste foi suspenso após satélites americanos de reconhecimento detectarem sinais de movimentação no local, e o Primeiro Ministro acabou acatando a pressões do embaixador americano Frank Wisner. Vale ressaltar também que Rao admitiu o prosseguimento de testes com os mísseis *Agni* e edificação de plataformas móveis para lançamentos de mísseis em 1996.

Em 1997, os primeiros ministros Nawaz Sharif do Paquistão e I. K. Gujral da Índia concordaram em dialogar sobre questionamentos relacionados com a disputa pela Caxemira, redução de riscos de um conflito nuclear e cooperação comercial. Nos dias 11 e 13 de maio, a Índia realizou dois testes nucleares e posteriormente, em 29 e 30 do mesmo mês, o Paquistão também desempenhou o mesmo papel. Após o ocorrido, Índia e Paquistão adentraram

em uma corrida no tocante à produção de mísseis e à produção de armas nucleares.

Em 1999, o primeiro ministro indiano A. B. Vajpayee se reuniu em Lahore com autoridades do governo paquistanês, resultando no Memorando Lahore, no qual ambos os países se comprometeram a comunicar entre si a realização de testes de lançamentos de mísseis, dados e informações inerentes a doutrinas nucleares e conceitos de segurança, além de outras avaliações que condizem à redução de testes nucleares e à elaboração de confiança mútua.

Entretanto, Índia e Paquistão não chegaram a um acordo sobre as minúcias técnicas fundamentais para estabelecer as medidas contidas no memorando. Por isso, ambos os Estados prosseguiram com suas corridas no que concerne ao aperfeiçoamento de mísseis, incluindo testes de vôo dos mísseis de médio alcance *Ghuri* (paquistanês) e *Agni* (indiano). E como já se esperava, os dois países não chegaram a um acordo para não mais realizarem testes futuros.

A crise de Kargil entre maio e julho de 1999 anulou definitivamente os avanços alcançados em Lahore. Foram diversos os confrontos que ocorreram entre Índia e Paquistão, mas a Guerra de Kargil em 1999, foi o momento em que os Estados envolvidos chegaram o

mais próximo de uma guerra convencional total que poderia se transformar num confronto nuclear. Por isso, ela possui algumas considerações estratégicas e táticas que cabem ser mencionadas.

A guerra ocorreu por volta do dia 8 de maio quando forças militares paquistanesas da Caxemira foram detectadas nos cumes de Kargil. A partir do momento que os indianos perceberam a movimentação, as operações militares foram planejadas e as tropas, a artilharia e demais equipamentos foram movidos de acordo com suas posições de ataque. Cabe ressaltar que toda essa preparação dos militares indianos ficou denominada operação ofensiva Vijay. Tal operação teve o objetivo da infantaria paquistanesa de ocupar os picos na montanha na linha de controle indiano. Esse procedimento foi capaz de dar início a uma saga original na história do emprego do poder de fogo da artilharia na batalha.

Os ataques foram precedidos por assaltos sustentados do fogo sobre cem injetores da artilharia, almofarizes e lançadores de foguete que ateam a chama no concerto²³. Milhares dos escudos, das bombas e dos foguetes foram capazes de impedir o oponente de interferir. Os injetores médios de 155 milímetros *Bofors* e os injetores Indianos no campo de 105 milímetros destruíram

todos os inimigos visíveis e forçaram o oponente a abandonar diversas posições. Os arcos do fogo que arrastam atrás dos escudos explosivos elevados de *Bofors* e dos foguetes do *Grad* forneceram uma vista temerosa que introduziu vagarosamente o medo nos soldados paquistaneses²⁴. É imprescindível que uma importante operação militar seja organizada e articulada de uma maneira precisa com todas as agências abarcadas na operação. Tal observação é de extrema relevância principalmente para o Paquistão, visto que a falta de cooperação entre as elites militares e os líderes políticos originou certa discórdia da parte dos Estados Unidos quando o Bill Clinton persuadiu o Primeiro ministro Nawaz Sharifa a estabelecer uma retirada unilateral das forças da região contra os interesses de seus assessores militares, desconsiderando, dessa forma, as forças armadas.

Em um ambiente onde os oponentes possuem armas nucleares deve-se evitar a utilização das forças aéreas principalmente em funções ofensivas. Cabe mencionar que Índia e Paquistão não empregaram tal modalidade justamente com a finalidade de prevenir a evolução do conflito para uma guerra total²⁵.

Contudo, mesmo num confronto entre potências nucleares existe a possibilidade de adversários o travarem

através de uma operação de não guerra, ou até mesmo um conflito limitado a fim de impedir a escalada. Tal restrição foi claramente estabelecida por Índia e Paquistão no confronto de Kargil. A manutenção de operações de logística através de estoques e abastecimento era necessário devido às dificuldades inerentes ao transporte, visto que a região de Kargil é de difícil acesso. Por isso, torna-se necessário que a doutrina aborde esses problemas para estipular operações militares eficazes em ambientes hostis. É interessante destacar também que o envolvimento de instituições internacionais inclusive dos Estados Unidos pode ser benéfico para impedir e travar a escalada de um conflito em potencial para uma guerra total ou nuclear, como é o caso de Índia e Paquistão.

Contudo, depois do episódio de Kargil, a Índia se recusou a sentar à mesa de negociações com o Paquistão, alegando que este país estaria financiando terroristas na região da Caxemira.

Na verdade, Índia e Paquistão têm procurado utilizar o discurso de “guerra contra o terrorismo” norte-americano para conquistar vantagens²⁶. Contudo, essa perspectiva tende a aumentar o risco de acontecer algum equívoco no que tange ao âmbito militar. Esse procedimento possui uma tentativa de retratar a provocação na Caxemira

como puramente um problema de combate ao terrorismo, partindo do pressuposto que a situação está diretamente relacionada com operações extremistas paquistanesas, da mesma maneira como Estados Unidos e seus aliados agiram contra *Al Qaeda* e Talibã no Afeganistão.

Entretanto, essa aproximação não dá atenção à competição histórica de reivindicação administrativa da Índia sobre a Caxemira. E com isso, o Paquistão procura usar essa cooperação com Estados Unidos em operações no Afeganistão para ganhar tempo de manobra a fim de manter uma política aventureira que procura buscar maior influência na região que visa adquirir recursos indianos na Caxemira²⁷.

Ou seja, a ofensiva liderada pelos Estados Unidos contra o Afeganistão em reação aos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 gerou conseqüências diretas para a Índia, pois a retirada dos Talibã do poder resultou na instalação de um governo pró-Índia em Kabul. O Paquistão também foi afetado, tendo sido recompensado por compartilhar informações dos seus serviços de inteligência e por permitir a utilização de bases em seu território com a eliminação das sanções econômicas e de parte das sanções militares impostas por Washington em 1990, devido às atividades nucleares do país. Nessa perspectiva, as negociações bilaterais

foram travadas por cerca de dois anos, quando ainda em 2001, Vajpayee convidou o presidente paquistanês Musharraf para um encontro na cidade indiana de Agra. Entretanto, a reunião foi frustrante, visto que não foram elaboradas medidas de melhoria na questão da Caxemira, tampouco em argumentos que visassem reduzir o risco de conflitos nucleares.

Em outubro de 2001, ocorreram ofensivas terroristas em prédios parlamentares em Srinigar (cidade indiana) e na Caxemira. Esses ataques foram capazes de aumentar a tensão entre os dois países, o que acirrou a pressão política sobre o governo indiano no sentido de estabelecer contrapartidas sobre possíveis campos de terroristas localizados em terras paquistanesas. Tais ataques teriam implicações trágicas caso originasse uma reação paquistanesa, gerando, dessa forma, desencadeamentos que poderiam fugir ao controle e atingir um conflito nuclear.

5. Perspectivas²⁸

Empregando-se através de um programa de computador manuseado com intuito de calcularem baixas civis desenvolvidas por um ataque nuclear durante a Guerra Fria e fazendo certas adaptações condizentes para que o programa pudesse ser sobreposto no caso de um confronto Índia Paquistão,

Robert T. Batcher²⁹ chega às seguintes estimativas: um ataque nuclear voltado para as 13 maiores cidades indianas e às 12 maiores cidades paquistanesas com dispositivos nucleares de 50 kilotons atingiria por volta de 18 milhões de pessoas, das quais 37% morreriam na Índia, e cerca de 13 milhões de pessoas, das quais 42% seriam vítimas fatais no Paquistão. Se o armamento utilizado fosse de um megaton, esse número se elevaria para aproximadamente 64 milhões, dos quais 57% de vítimas fatais na Índia e 34 milhões, dos quais 67% de vítimas fatais no Paquistão.

É fato que o Paquistão possui desvantagem no que concerne a forças convencionais em relação à Índia, tanto que o contingente de militares ativos indiano é aproximadamente duas vezes o do Paquistão. Por isso, tal desequilíbrio gera uma considerável instabilidade na região, uma vez que essa situação poderia instigar o Paquistão a um ataque nuclear para fazer frente à sua fraqueza convencional.

Outro condicional de instabilidade é devido à proximidade geográfica entre os dois países, que afeta a capacidade de contra ataque e também desfavorece o estabelecimento de sistemas de alerta adequados. No transcorrer da Guerra Fria, os Estados Unidos tinham cerca de 20 minutos de alerta antes que mísseis

lançados pela União Soviética alcançassem seu território. Por outro lado, em um confronto entre Índia e Paquistão, existem mísseis em que o período de vôo até a mira tem aproximadamente 3 minutos, limitando assim, a probabilidade de qualquer alerta. Desta forma, em uma situação de crise, o Paquistão que se encontra em intensa desvantagem em questões convencionais, poderia se sentir no direito de enviar um primeiro ataque.

Marie Frederiksen³⁰ acredita que o problema e a solução do conflito que envolve a região da Caxemira têm origem no capitalismo, e que ambos são utilizados pelas elites dirigentes para dividir seus trabalhadores e a unidade das massas oprimidas. Nessa perspectiva, desde que ocorreu a partilha da região três modelos estão sendo sugeridos para o problema da Caxemira. O primeiro parte do pressuposto de que o *status quo* seja mantido e que a linha divisória seja reconhecida como fronteira internacional, contudo, essa não é uma boa opção para o povo da Caxemira. O seguinte modelo pauta-se na idéia de que a Índia estipule um ataque frontal e tome a Caxemira, entretanto, essa reação provocaria um conflito na fronteira que separa Índia e Paquistão podendo ocasionar na extinção dos dois Estados. E por fim, o último modelo visa dividir a Caxemira em três partes, em

que a primeira ficaria maioria muçulmana para o Paquistão, outra com a maioria hindu pertencente à Índia, e uma última autônoma, entretanto, esse modelo tende a gerar conflitos étnicos como aconteceu com a ex-Iugoslávia.

Sendo marxista, Marie Frederiksen defende a autodeterminação, mas no caso da Caxemira, pelo fato dela ser uma região muito pobre, uma Caxemira independente seria dominada pela Índia e pelo Paquistão enquanto o capitalismo prevalecesse. Por isso, para a autora a melhor opção nesse caso seria a implantação de uma Federação Socialista do Paquistão, da Índia e da Caxemira, pelo fato de que essa seria a única maneira de haver alguma perspectiva de ascensão econômica e até mesmo paz na região.

Por outro lado, segundo Daniel Geller³¹, uma corrida armamentista entre os Estados poderia ocasionar numa reação chinesa no sentido de rearticular e incrementar seu arsenal. Com isso, seria possível promover uma reação russa no tocante ao custeamento de seus armamentos e ainda, prejudicar os esforços norte-americanos através da redução de arsenais nucleares americanos e russos. Por isso, é notório estipular acordos que tenham intuito de estabelecer medidas de construção confiança e de redução de riscos nucleares para a constituição de um

ambiente mais estável na região. Além disso, existe a preocupação devido à inexistência de um da democracia no Paquistão, visto que essa situação atrapalha os acordos que envolvem segurança e a adoção de um rumo mais pacífico entre a Índia sobre a questão da Caxemira.

6. Bibliografia

Sites:

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2002/06/14/000.htm#inicio> do dia 13/06/06 às 16:45

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2005/03/26/001.htm> com acesso no dia 10/10/06 às 15:17.

<http://fmostardeiro.vilabol.uol.com.br/asi> a.htm do dia 14/06/06 às 17:35.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81sia> no dia 12/06/06 às 13:00

http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_da_%C3%8Dndia do dia 14/06/06 às 11:50.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia> do dia 14/06/06 às 11:50.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_do_Paquist%C3%A3o no dia 16/06/06 às 15:20.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_castas_da_%C3%8Dndia acessado no dia 09/10/06 às 21:46.

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/pk.html> do dia 16/06/06 às 14:10.

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/in.html> do dia 16/06/06 às 14:10.

http://www.10emtudo.com.br/demo/geografia/a_republica_popular_da_china/index_1.html no dia 12/06/06 às 12:40

<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/images//krg3.gif>

<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/kargil-99.htm> acessado no dia 21/06/06 às 15:20

<http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/ventos.htm> acessado às 15:20 no dia 01/11/06.

<http://www.infoplease.com/ce6/world/A0859099.html> do dia 13/06/06 às 13:15

<http://www.kashmir-information.com/WhitePaper/economics.html> acessado no dia 15/06/06 às 16:50.

http://www.lib.utexas.edu/maps/cia05/india_sm05.gif.

http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/india_pol01.j

http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/kashmir_rel_2003.jpg

http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/pakistan_pol96.jpg

<http://www.minerva.uevora.pt/eschola2002/tundra.htm> com acesso no dia 05/11/06 Às 11:40.

http://www.portalbrasil.net/asia_india.htm do dia 14/06/06 às 12:47

http://www.portalbrasil.net/asia_paquisto.o.htm do dia 14/06/06 às 12:47

<http://www.sergiosakall.com.br/asiatico/bangladeche.html> do dia 03/11/06 às 14:10.

<http://www.sdl-pciganos.rcts.pt/india.htm> no dia 02/11/06 às 15:45.

<http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarrvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 13:50

Artigos e notícias:

“Khasmir: Confrontation and Miscalculation”, *ICG ÁSIA Report* Nº35, 11 July 2002, de <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4173&l=1> acessado no dia 20/06/06 às 17:20

“Reducing Tension is Not Enough”, *The Center of Strategic and International Studie*, The Washington Quartely, 2001, pg. 181-193,

“Índia nos contextos regional e global de segurança: Uma visão preliminar”. Disponível em: <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarrvalho.Pdf> acessado em 15/10/06 às 12:15

Livros:

BATCHER, Robert T “The Consequences of an Indo-Pakistani Nuclear War,” *International Studies Review*, 2004, Vol. 6, pp. 135-162, disponível em <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarrvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 13:50.

El Nuevo Despertar Doctrinario de las Fuerzas Armadas Índias, Military Review, Marzo- Abril, 2005, pg. 43-53.

FREDERIKS, Marie “Pakistan – Socialism or Barbarism”, 2005, publicado em <http://www.marxist.com/pakistan-socialism-barbarism140605.htm> acessado em 06/10/06 às 15:40

GELLER, Daniel S. – “Nuclear Weapons and the Indo-Pakistani conflict: Global implications of a regional power cycle” em *International Political Review*, vol 24, nº 1, 2003, pp 137-150, disponível em <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarrvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 17:20

LAVOY, Peter R. “The Costs of Nuclear Weapons in South Asia”, Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em: <http://www.fas.org/news/india/1999/pj291avo.htm> com acesso no dia 15/06/06 às 15:40.

Notas:

¹Fonte: http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/kashmir_rel_2003.jpg

²Dados retirados especificamente de http://www.portalbrasil.net/asia_india.htm e http://www.portalbrasil.net/asia_paquistao.htm do dia 14/06/06 às 12:47, e de <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/pk.html> e <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/in.html> do dia 16/06/06 às 14:10.

³Tais conhecimentos foram retirados dos sites http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_da_%C3%8Dndia e <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia> do dia 14/06/06 às 11:50.

⁴O termo Tundra é originário do vocábulo *Tunturia*, que significa planície sem árvores. É considerado o bioma mais frio da terra. Ela pode ser subdivida em Tundra Ártica, a qual é muito fria devido a sua localização geográfica e a Tundra Alpina que se encontra longe da superfície terrestre, logo é mais encontrada nos picos de montanhas. Retirado de: <http://www.minerva.uevora.pt/eschola2002/tu>

[ndra.htm](#) com acesso no dia 05/11/06 Às 11:40.

⁵Fonte:

http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/india_pol01.j

⁶Retirado de

http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_do_Paquist%C3%A3o no dia 16/06/06 às 15:20.

⁷Fonte:

http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/pakistan_pol96.jpg

⁸Informações obtidas em

<http://www.infoplease.com/ce6/world/A0859099.html> do dia 13/06/06 às 13:15, de

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2002/06/14/000.htm#inicio> do dia

13/06/06 às 16:45, e de

<http://www.infoplease.com/ce6/world/A0859099.html> do dia 16/06/06 às 12:30.

⁹Casta é definida como um grupo social hereditário, cuja posição do indivíduo perpetua de pai para filho, visto que ele somente pode casar-se com pessoas de seu grupo de convívio. Informações adquiridas em

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_castas_da_%C3%8Dndia acessado no dia 09/10/06 às 21:46.

¹⁰Informação retirada de <http://www.sdl-pciganos.rcts.pt/india.htm> no dia 02/11/06 às 15:45.

¹¹Retirado exclusivamente de

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2002/06/14/000.htm> no dia 02/11/06.

¹²Baseado em

<http://www.sergiosakall.com.br/asiatico/bangladeche.html> do dia 03/11/06 às 14:10.

¹³Baseado em *Lavoy, Peter R.* "The Costs of Nuclear Weapons in South Asia", Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em:

<http://www.fas.org/news/india/1999/pj29lavo.htm> com acesso no dia 15/06/06 às 15:40 e

<http://www.kashmir-information.com/WhitePaper/economics.html> acessado no dia 15/06/06 às 16:50.

¹⁴Baseado em *Lavoy, Peter R.* "The Costs of Nuclear Weapons in South Asia", Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em:

<http://www.fas.org/news/india/1999/pj29lavo.htm> com acesso no dia 15/06/06 às 15:40

¹⁵Informação retirada de em *Lavoy, Peter R.* "The Costs of Nuclear Weapons in South Asia", Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em:

<http://www.fas.org/news/india/1999/pj29lavo.htm> com acesso no dia 03/11/06 às 12:50.

¹⁶Informações obtidas em

http://www.portalbrasil.net/asia_paquistao.htm acessado em 09/10/06 às 14:30.

¹⁷Informação retirada de

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/pk.html> e de

<https://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/in.html> às 13:10 do dia 08/10/06 às 18:30.

¹⁸Retirado de *Lavoy, Peter R.* "The Costs of Nuclear Weapons in South Asia", Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em:

<http://www.fas.org/news/india/1999/pj29lavo.htm> com acesso no dia 24/10/06 às 17:15.

¹⁹Texto baseado em *Lavoy, Peter R.* "The Costs of Nuclear Weapons in South Asia", Revista Eletrônica da USIA, Setembro de 1999, disponível em:

<http://www.fas.org/news/india/1999/pj29lavo.htm> com acesso no dia 09/10/06 às 15:40.

²⁰Informações obtidas a partir de *Khasmir: Confrontation and Miscalculation, ICG ÁSIA Report N°35*, 11 July 2002, de <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4173&l=1> acessado no dia 20/06/06 às 17:20, *Reducing Tension is Not Enough, The Center of Strategic and International Studie*, The Washington Quartely, 2001, pg. 181-193, de

<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/kargil-99.htm> acessado no dia 21/06/06 às 15:20, de Índia nos contextos regional e global de segurança: Uma visão preliminar. Disponível em:

<http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarvalho.pdf> acessado em 15/10/06 às 12:15, e de *El Nuevo Despertar Doctrinario de las Fuerzas Armadas Índias*, *Military Review*, Marzo- Abril, 2005, pg. 43-53.

²¹Fonte:

<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/images//krg3.gif>

²²Informações retiradas de Índia nos contextos regional e global de segurança: Uma visão preliminar. Disponível em:

<http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarvalho.pdf> acessado em 15/10/06 às 12:15.

²³Reproduzido com base em

<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/kargil-99.htm> acessado no dia 21/06/06 às 15:20

²⁴Idem.

²⁵Baseado em *El Nuevo Despertar Doctrinario de las Fuerzas Armadas Índias*, *Military Review*, Marzo- Abril, 2005, pg. 43-53.

²⁶Reproduzido de Khasmir: Confrontation and Miscalculation. *ICG ÁSIA Report* Nº35, 11 July 2002

²⁷Baseado em Khasmir: Confrontation and Miscalculation. *ICG ÁSIA Report* Nº35, 11 July 2002.

²⁸Informações obtidas em <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 13:50 e em Frederiks, Marie "Pakistan – Socialism or Barbarism" , 2005, publicado em <http://www.marxist.com/pakistan-socialism-barbarism140605.htm> acessado em 06/10/06 às 15:40.

²⁹Retirado exclusivamente de "The Consequences of an Indo-Pakistani Nuclear War," Robert T. Batcher, *International Studies Review*, 2004, Vol. 6, pp. 135-162, disponível em <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 13:50.

³⁰Texto reproduzido a partir de Frederiks, Marie "Pakistan – Socialism or Barbarism" , 2005, publicado em <http://www.marxist.com/pakistan-socialism-barbarism140605.htm> acessado em 06/10/06 às 16:50.

³¹Baseado em GELLER, Daniel S. – "Nuclear Weapons and the Indo-Pakistani conflict: Global implications of a regional power cycle" em *International Political Review*, vol 24, nº 1, 2003, pp 137-150, disponível em <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MarcoCarvalho.pdf> acessado em 06/10/06 às 17:20.